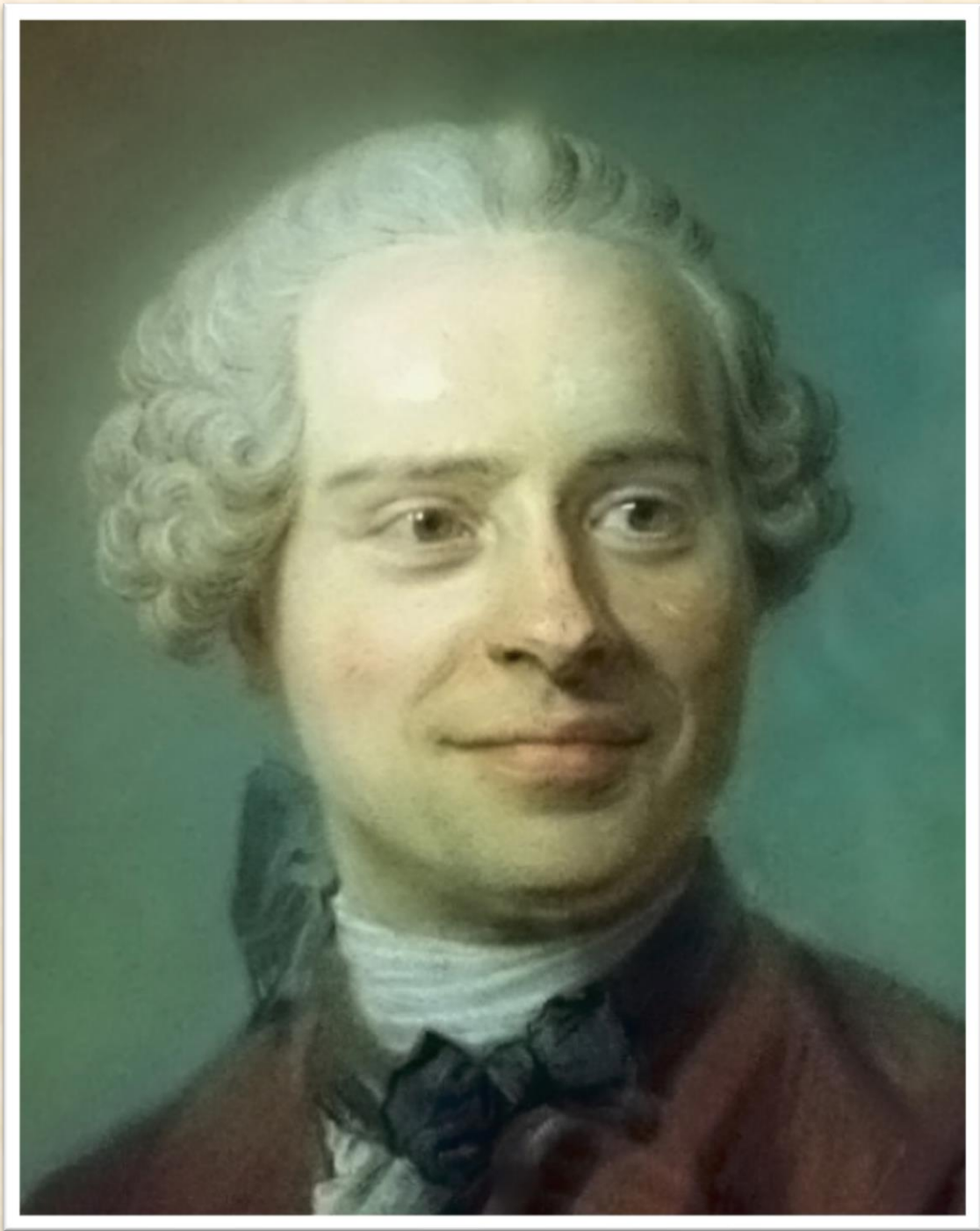




Jean Le Ron d' Alembert, 1717 - 1783

ENSAIOS SOBRE OS ELEMENTOS DE FILOSOFIA DE JEAN LE ROND D'ALEMBERT

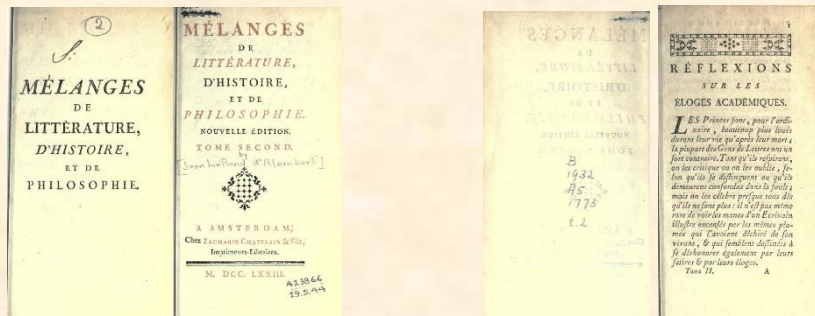
Por Israel Franco de Godoy

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jean Le Rond d'Alembert nasceu em Paris, França em 17 de novembro de 1717 e faleceu na mesma cidade em 29 de outubro de 1783. Tornou-se famoso como uma das mentes mais brilhantes do seu tempo e figura expressiva do iluminismo francês. Contribuiu junto a Denis Diderot na elaboração de uma das mais polêmicas e brilhantes obras do então chamado Século das Luzes, a Enciclopédia, na qual escreveu, entre outras contribuições, o celebre discurso preliminar. De saber bastante eclético, exerceu magistralmente várias áreas do saber embora tenha construído uma notória reputação como grande matemático. Em Física, ficou conhecido, também, pelo enunciado de um princípio básico de mecânica, o qual recebeu seu nome, e em Matemática, entre outros estudos, pelo estabelecimento das “equações derivadas parciais de segunda ordem”.

O “Essai sur les éléments de philosophie” é na verdade um texto publicado no quarto volume das “Mélanges”¹ em 1759. Já em 1767, no quinto volume, ele escreve “Esclarecimentos sobre os diferentes pontos de filosofia em resposta a observações enviadas a ele por Frederico II. Seu estilo de fazer filosofia não compartilha, da ironia de Voltaire nem da incrível capacidade de passear conceitualmente entre muitos paradoxos como Rousseau, o que de certa forma tornava certos filósofos bastante populares em sua época. Talvez isso explique o fato de, apesar da extrema relevância de sua produção, grande parte de seu trabalho, ao contrário de alguns de seus contemporâneos, ter caído no esquecimento. Contudo, sua forma direta e calma de abordar problemas da metafísica e da moral traduzem o sentimento racional e científico do iluminismo e certamente servirá como peça importante para se entender alguns conceitos fundamentais desse movimento filosófico que marcou o sec. XVIII.

¹ Mélanges de Litterature, D' Histoire et de Philosophie (Misturas de literatura, história e filosofia). Os escritos de D'Alembert se diversificam a partir de 1751 com seu envolvimento na Enciclopédia. Ele publicou incluindo várias edições da Mélanges de Litterature (1753, 1759, etc.), também escreve, lê e publica "louvor" de membros da Academia Francesa participando no debate político e filosófico, tanto nestas obras como também em livros ou folhetos tal como em a “destruição dos jesuítas”.



CONSEQUÊNCIA HISTÓRICA

A tomada de Constantinopla em meados do sec. XV fez renascer as letras no Ocidente. No sec. XVI testemunhou-se uma acalorada mudança religiosa e social em grande parte da Europa, o que inspirou de certa forma, o interesse e a necessidade de um grande número de homens de instruírem-se. Fosse por motivos políticos, de poder ou religiosos é certo que tal interesse multiplicou enormemente todo tipo de conhecimento até que em meados do sec. XVII Descartes fundou a base de uma nova filosofia, o que contribuiu para uma notável mudança no pensamento aumentando enormemente o progresso da própria filosofia assim como das ciências naturais, tornando possível desvendar cada vez mais os sistemas da natureza, ou melhor, conhecer suas verdades.

Assim, desde os princípios das ciências profanas até os fundamentos da revelação, da Metafísica as questões de gosto, da Música à Moral, das discussões escolásticas dos teólogos aos objetos do comércio, dos direitos dos príncipes aos dos homens, da lei natural às leis arbitrárias das Nações, enfim, desde as questões que mais nos tocam as que menos nos interessam, tudo foi discutido, analisado ou pelo menos agitado.

Alembert, Jean Le Ron d', Ensaio sobre os elementos de filosofia / trad. Beatriz Sidou, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. Pág. 5

Todas essas efervescências de ideias propiciaram novas luzes sobre muitos questionamentos e ao mesmo tempo, abriu outras tantas perguntas ainda, sem respostas.

A INTENÇÃO DA OBRA

Sob a perspectiva da história, parece que de tempos em tempos se dá uma revolução no espírito humano. Se guardada as riquezas produzidas pelo pensamento nessas épocas, se fossem cuidadas, os homens teriam diante de si sempre o progresso e o desenvolvimento das ciências. Tal é o objetivo da Enciclopédia. Ela deve encerrar todo raciocínio que as artes e as ciências puderem alcançar, sejam em conhecimentos, opiniões, controvérsias ou mesmo os equívocos. São essas as matérias produzidas pelo espírito humano, contudo, pode-se dizer que de todo o conhecimento humano...

...a matéria importante da Enciclopédia, não há nenhum que nos possa esclarecer mais e que, portanto, seja mais digno de ser transmitido a nossos descendentes do que o quadro de nossos reais conhecimentos. É a história e o elogio do espírito humano; o resto é apenas seu romance ou sua sátira. (Ibidem pag. 9)

Mas não se trata de apenas construir uma história do pensamento mas uma história daquilo que, no pensamento, se perpetua como verdade, abstraindo-se tanto quanto possível, dos erros cometidos, ou seja construindo princípios.

PLANO GERAL

A filosofia é a aplicação da razão sobre as coisas na qual volta seu olhar, assim os Elementos de Filosofia devem tratar de estabelecer princípios para o conhecimento. Tais princípios são por certo de três tipos: Fato, sentimento ou discussão sendo que essa é matéria exclusiva da filosofia. Pode-se então dizer que a ciência dos fatos é a ciência da natureza e que esta busca ou ao menos deve buscar, estabelecer fundamentos, tal como a filosofia ao aborda-la, muito embora, na filosofia, as formulações conceituais alcancem resultados mais gerais e universais e que muitas vezes são puramente abstratos, oriundos as vezes de construções históricas. Já as ciências da natureza ou ciência de fatos, volta-se para o particular, desconstruindo sempre que possível para analisar o singular nas partes.

As verdades de sentimentos pertencem ao gosto ou à Moral. Assunto fecundo à filosofia pois trata de máximas que são intimamente ligadas a

princípios gerais da sociedade, ao bem comum. Seja para benefício do indivíduo como da coletividade.

Contudo, com relação aos gêneros do conhecimento, a que o sábio, deve se ater, ou o filósofo, há um que não lhe compete, devido a própria natureza desse tipo de conhecimento, ou seja, aquele gênero que trata das questões de fé, pois:

Como a filosofia abraça tudo o que vem da atividade da razão e como a razão estende mais ou menos seu império a todos os objetos de nossos conhecimentos naturais, segue-se que não devemos excluir dos Elementos de filosofia senão apenas um gênero dos conhecimentos: os que se atém a religião revelada. Esses são absolutamente estranhos às ciências humanas por seu objeto, por seu caráter, pela própria espécie de convicção que em nós produzem. (Ibidem pag. 15).

A fé é uma espécie de intuição agraciada aos homens pelo criador, assim a filosofia deve abster-se de se pôr sobre objetos da revelação e se focar nas regras críticas que servirão para iluminar inclusive as evidências da verdadeira fé. Entende-se assim que a fé pode avançar sobre o domínio da filosofia mas cabe ao filósofo, contentar-se em estabelecer os princípios que regem tantos diferentes objetos, mesmo a fé, deixando para os teólogos seu uso e aplicação.

O MÉTODO

As ciências são nada mais que visões gerais que moldam a maneira de tratar os elementos de filosofia detalhando seus objetos e reduzindo-o em basicamente quatro: espaço, tempo, espírito e matéria. Dessa forma o conhecimento se abre como que um leque de perspectivas na construção do quadro do saber.

Com relação aos seus objetos a Geometria diz respeito ao espaço, a Astronomia e a História ao tempo, a Metafísica ao espírito, a Física à relação entre matéria, espaço e tempo, a Moral, ao homem pois é resultado da união entre matéria e espírito assim como as Belas Artes e as Letras ao gosto que é certamente, uma necessidade humana.

Acontece que a natureza se apresenta como um grande enigma na qual pode-se ver apenas pequenas partes, como verdades singulares, soltas em meio a uma grande cadeia de verdades. Tais verdades descobre-se, por vezes,

residir na origem de uma cadeia de pensamento enquanto em outras, constituem um nexos que une uma ou mais áreas de conhecimento.

As verdades que se estabelecem como princípio não são aquelas que requisitam outras verdades para se afirmar mas aquelas que provam-se em si mesmas. Não se trata, contudo, de constituir axiomas pois esses em nada acrescentam ao conhecimento senão em abstrações muitas vezes estéreis e que outras vezes levam até mesmo ao erro. Antes trata-se de estabelecer princípios em fatos simples e reconhecidos que em si, não pressupõe nenhum outro, não podendo ser explicados ou contestados. Pode-se dizer que são:

Em Física, os fenômenos cotidianos que a observação desvenda a todos os olhos; em Geometria, as propriedades sensíveis da extensão; em Mecânica, a impenetrabilidade dos corpos, origem de sua ação mútua; em Metafísica, o resultado de nossas sensações; em Moral, as primeiras afecções, comuns a todos os homens. (Ibidem pag.19).

Ao contrário da tradição filosófica que estava fadada a perder-se em discussões sobre as propriedades gerais do Ser e da substância, em discussões que não passavam de especulações inúteis em torno objetos imaginários, o novo modelo de filosofia ou de ciência que se apresenta ao atual grau de desenvolvimento do saber humano, atinge ou deve atingir resultados (princípios) que são sempre os mesmos em todos os lugares, e que independem do tipo de filosofia a que sejam examinadas devendo ser postos portanto, como verdades. Verdades estas que consistem, não em fazer uso de certas noções mas que estabelecem em si mesmas, uma “definição”. Definir é, portanto, “desenvolver as ideias simples que essas noções encerram” (Ibidem pag. 20).

Para saber definir deve-se antes saber distinguir as ideias compostas das simples sabendo portanto que estas não dependem tanto das operações do espírito, ou seja, como nós a concebemos, mas que residem na própria simplicidade do objeto naquilo que se revela a nós, ou melhor, na quantidade de propriedades que percebemos. Tais ideias simples ou são abstratas, decorrentes de uma propriedade singular que pensamos de algum objeto, ou são ideias mais primitivas, que decorrem das sensações. Portanto: “As ideias simples que entram numa definição devem ser tão distintas umas das outras que não se pode subtrair uma sem deixar incompleta a definição.”

Consequentemente: “...uma definição será tanto mais clara quanto mais curta ela for.” (ibidem pág. 21).

Desta feita quanto mais desenvolvemos as ideias simples que formamos a respeito de determinada coisa, mais perto da sua natureza, chegamos, até porque, não podemos chegar a coisa em si senão como a percebemos. Disso resulta inútil a questão que coloca ser impossível conhecer a coisa e si mas apenas o nome que a refere, ou seja, aquilo a que nos remete a palavra.

Deve-se evitar chamar definições de nomes exceto em alguns termos particulares que partem de pura convenção, até porque, as ciências acabam por criar certa linguagem que se torna uma característica comum a certas áreas do conhecimento e por vezes, necessitam ser explicadas por uma linguagem característica.

Todavia, falando o mais possível a língua do povo, o filósofo não condena com rigor a língua estabelecida. Ele se detém aquém dos limites que existem nas coisas de uso; não deseja nem a tudo reformar nem a tudo submeter-se, porque não é nem tirano nem escravo. (Ibidem pag. 22).

Com relação as verdades que, de certa formam, formam nexos com outras verdades, elas devem ser tratadas também como Elementos de filosofia já que proporcionam um grande número de outras verdades, e é isso que especificamente a caracteriza.

A PRIMEIRA CIÊNCIA

Algumas verdades para serem descobertas necessitam de certa combinação, tanto para serem apreendidas como para serem demonstradas. Por isso faz-se necessário conhecer algumas regras que regem tal combinação, tal como a arte de raciocinar, ou seja, a Lógica. Uma operação do espírito que permite a descoberta de algo que até então era desconhecido. Um método uniforme para se chegar ao conhecimento das verdades buscadas.

Todavia, a Lógica se reduz a uma regra muito simples. Para comparar objetos distanciados, servimo-nos de muitos objetos intermediários. O mesmo acontece quando se deseja comparar duas ou mais ideias. A arte do raciocínio não é senão o desdobramento desse princípio e das consequências que dele resultam. (Ibidem pag. 9).

Esse método supõe, no entanto, o fato de nosso espírito ser capaz de perceber muitas ideias ao mesmo tempo, e também de perceber tanto a união quanto a discordância dessas ideias. Disso decorre que “Todo raciocínio que faz ver com evidencia a ligação ou a oposição entre duas ideias chama-se demonstração” (ibidem pag. 52). É desses que faz uso a Matemática e algumas outras Ciências.

Segue, contudo, que o método não seja de todo infalível, haja visto certos sofistas travestidos de geômetras que não seguem demonstrações rigorosas. Outra falta diz respeito a impossibilidade, certas vezes de admitir uma ignorância ou certa limitação, o que é caso corrente em muitas Ciências mesmo na Física, na Medicina, na Jurisprudência e na História onde, ainda que, sem total esclarecimento ou ao menos convencimento, tem-se a necessidade de se tomar uma posição. É o caso de uma verdade da qual não se tem total segurança mas que é até o momento é a mais provável. Solução esta, que é conhecida pelo matemático que ao se deparar com uma pobreza de dados, vê-se na dificuldade de ter de escolher o resultado mais aproximado. A isso chama-se a arte de conjecturar, tão essencial a Lógica quanto a demonstração, não devendo serem excluídas, mas mantidas proporcionando uma espécie de verdade temporária até serem provadas pela experiência ou serem substituídas por novas verdades.

A arte de concluir a partir da experiência e da observação consiste em avaliar as probabilidades, ao estimar se eles são altos ou numerosos o suficiente para constituir prova. Este tipo de cálculo é mais complicado e mais difícil do que se poderia pensar. Exige uma grande sagacidade geralmente acima do poder das pessoas comuns. O sucesso dos charlatães, feiticeiros, e os alquimistas e todos aqueles que abusam da credulidade pública, se baseia em erros neste tipo de cálculo.²

Antoine Lavoisier³

² Antoine Lavoisier, Apud <http://www.belasfrases.com.br/frases/autores/l/lavoisier> - 24/11/2014.

³ Antoine Laurent de Lavoisier (1743 – 1789) foi eleito aos 25 anos de idade, membro da prestigiosa Academia Real de Ciências da França. No ano em que teve início a Revolução Francesa foi guilhotinado junto de outros membros da Ferme Générale, acusados de inimigos do povo.

A METAFÍSICA

Todo conhecimento origina-se de uma ideia que origina-se de uma sensação que origina-se de uma experiência. É desse processo que trata a metafísica, ou seja, de responder como as sensações produzem as ideias. Todas as demais questões a que se propõe não são tão relevantes. Outro fato em relação a Metafísica é de que é mais fácil entender suas verdades que tentar ensiná-las pois “as ideias metafísicas corretas são verdades comuns que todos aprendem mas que poucos têm o talento para desenvolver” (ibidem pag. 88). Assim, para a Metafísica, o que importa é entender algo que é comum a todos os homens, mas que de certa forma parece mesmo um tanto estranho, pois trata-se de entender como a alma parece lançar-se para fora de si mesma para apreender algo que efetivamente ela não é, ou seja, algo que lhe é exterior. Assim pode-se dizer que, “o exame da operação do espírito que consiste em passar de nossas sensações aos objetos exteriores é, evidentemente, o primeiro passo que a metafísica deve dar.” (Ibidem pag. 88).

Para D'Alembert a busca por entender este processo transforma o próprio pensar em objeto de investigação de modo que três questões fundamentais se orientam, a princípio, na investigação Metafísica:

A partir das sensações como concluímos a existência dos objetos? Esta é uma conclusão demonstrativa? Como, através dessas mesmas sensações chegamos a formar para nós uma ideia dos corpos e da extensão? (Ibidem pag. 88)

A primeira das perguntas trata-se de uma verdade de fato, ou seja a evidencia que tiramos da existência das coisas pelas sensações que nos provocam.

Para analisa-la, ao contrário do que certos filósofos costumeiramente fazem, elaborando um caminho demasiadamente longo, basta resumirmo-nos ao sentido do tato que é o sentido do qual nos apercebemos da existência dos corpos através de sua essencial qualidade, a impenetrabilidade. E como todos são capazes de adquirir tal conhecimento resulta aos filósofos tentar explicar como essa aquisição é feita, tomando por base a linguagem⁴.

⁴ Deve-se toma-la com ponto de partida sem no entanto perder-se em tentar explicar ela mesma, por exemplo, o uso do termo “corpos extensos”.

A segunda questão pergunta possibilidade demonstrativa da conclusão. Contudo, das conclusões tiradas referentes a existência das coisas exteriores, de modo geral tradicionalmente criou-se uma divergência de pensamento quanto à possibilidade ou não de demonstração de tais conclusões. Há aqueles que encaram nas sensações a possibilidade de conhecer as coisas: “que as nossas sensações servem como prova demonstrativa da existência dos objetos” (ibidem pag. 90), sendo improvável que elas de todo fossem enganosas. Para esses, levanta-se uma questão a respeito da conclusão consequente que resulta a partir do conhecimento de uma verdade direta, mais primitiva tal como pressupor a existência dos corpos pela existência de Deus quando é justamente o contrário, pela existência dos corpos e que deve se chegar a conclusões sobre Deus. Outra questão é a de tentar convencer alguns cétricos que é improvável que seu corpo não exista tal como o vê.⁵ Para ele a única resposta razoável que se pode opor as objeções dos cétricos contra a existência dos corpos é:

Os mesmos efeitos nascem das mesmas causas; ora, supondo-se por um momento a existência dos corpos, as sensações que eles nos fariam experimentar não poderiam ser nem mais vivas, nem mais constantes ou mais uniformes do que temos. Portanto, devemos supor que os corpos existem. (Ibidem pag. 92).

A terceira questão é a que pergunta pelo “como?” é por isso mesmo contempla outras tantas dificuldades como a que diz da impossibilidade de se chegar a essência da matéria, ela mesma tal como ela é, e que devemos portanto, nos ater ao que percebemos dela. Como um fenômeno que se presentifica propondo verdades.

Assim, quanto mais nos deixarmos levar em considerações a respeito do que pode ou não a Metafísica mais percebemos certa limitação e isso torna evidente o cuidado em excluí-la de Elementos de Filosofia da mesma forma que as questões da fé.

⁵ D’Alembert vai nessa passagem discorrer sobre a argumentação da descrença nos sentidos e consequentemente, na existência ou não dos corpos passeando desde a dúvida cartesiana apresentada no “Discurso do Método”, pelo sensualismo de Malebranche, assim como de outros pensadores. Ele citará sim as diversas contradições filosóficas levantadas por tais argumentações. (Ibidem pag. 90-91).

A MORAL

A questão dos deveres pertence essencialmente a razão e de certa forma, é a mesma em todos os povos. O conhecimento desses deveres chama-se Moral e trata de obter para nós um meio mais seguro para felicidade. Para alguns o conhecimento desses deveres supõe o conhecimento de Deus, sua existência. Chegando a se dizer que o mal físico é resultado de um mal moral. As questões morais dizem portanto, de alguns princípios religiosos embora independam delas, tanto quanto dizem de alguns conceitos filosóficos como, por exemplo, liberdade e ação. “A liberdade não pode ser senão uma verdade de consciência” (Ibidem pag. 123). A mora é portanto, tão diversa quanto são os homens, na medida em que, dirigindo a ação humana, ela funde-se em outras questões que surgem em decorrência dela, tal como a responsabilidade, parte fundante do dever. Assim, para D’Alembert, a Moral trata basicamente de cinco objetos: do homem, do legislador, do Estado, do cidadão e do filósofo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dedicar-se a Elementos de Filosofia, mais que a ajuda de um bom mestre necessita-se de muita meditação e trabalho. Pois não se trata de saber seu conteúdo mas também seu uso, possíveis aplicações e consequências. Trata-se de compartilhar do espírito dos inventores e ir mais longe até mesmo que eles.

Elementos de Filosofia diz respeito ao uso e consequências de verdades fundamentais que mesmo aos iniciantes, seria um bom exercício ao espírito, buscando provas, fazendo desaparecer as lacunas deixadas para traz ou mesmo lhes revelando possíveis erros. Para finalizar vale dizer que:

O acaso fez inúmeras descobertas nas artes e até mesmo nas ciências de fatos, como a Física. As descobertas do puro raciocínio nas matemáticas e nas outras ciências que sempre são obras do talento. Apenas umas poucas vezes o talento contribui com o acaso para essas descobertas quando, buscando o que não se consegue encontrar, encontramos o que não se buscava. (Ibidem pag. 156)

É portanto, com esmero e dedicação, que devemos trabalhar reunindo e combinando muitas novas e velhas ideias tal como numa grande construção onde todos trabalham em comum acordo, para fazermos grandes descobertas.

REFERÊNCIAS

<http://educacao.uol.com.br/biografias/jean-le-rond-dalembert.jhtm>

(novembro/2014).

Alembert, Jean Le Ron d', Ensaio sobre os elementos de filosofia / trad. Beatriz Sidou, Denise Bottmann -- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. (ISBN 85-268-0300-X).